

As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.

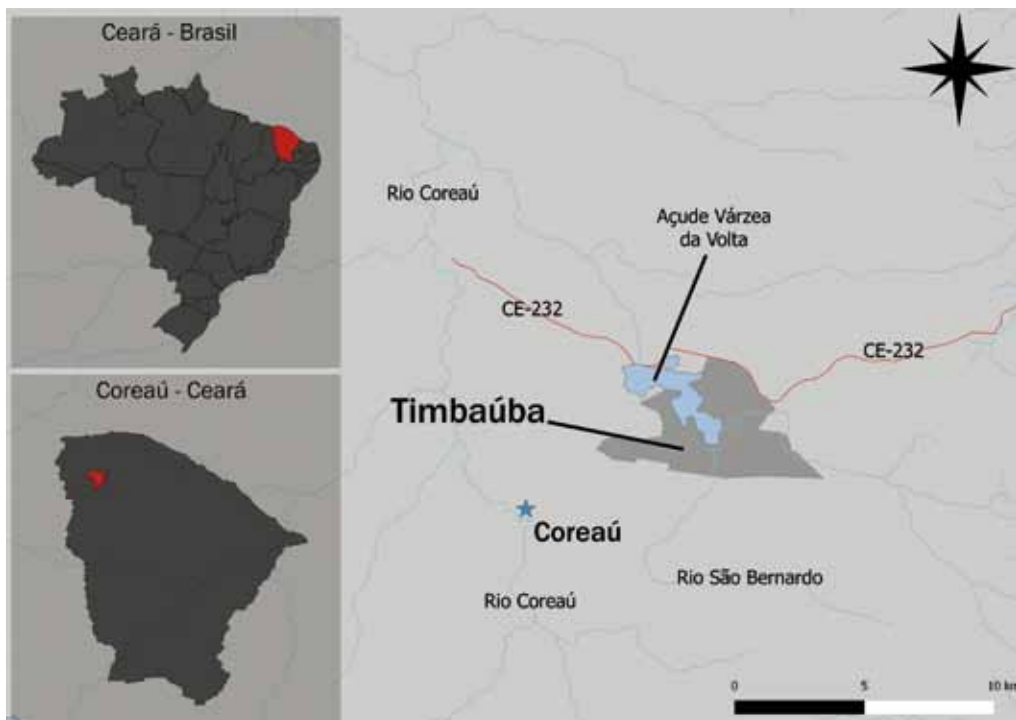


Comunidade Quilombola Timbaúba

A Comunidade Quilombola da Timbaúba é localizada no Vale do Coreaú, na divisa entre os municípios de Coreaú e Moraújo, noroeste do Estado do Ceará, a 308 km de Fortaleza. Está entre as serras da Meruoca e da Ibiapaba, na margem direita do Açude Público Várzea da Volta.

A comunidade recebeu da Fundação Cultural Palmares sua certidão de autorreconhecimento como quilombola em 2006, e o processo de regularização fundiária foi aberto pelo INCRA no mesmo ano, reivindicando-se a titulação de um território tradicional com área de 2.033 hectares.

O Quilombo da Timbaúba é uma comunidade rural composta, até o ano de 2009, por 142 famílias. Sua população descende de cinco famílias negras tradicionais que deram início à comunidade e cujos ancestrais foram escravizados. As atuais famílias vivem distribuídas entre as



seguintes localidades do quilombo: Vila Timbaúba ou Timbaúba de Baixo, Timbaúba de Cima, Canafístula, Fazenda Velha e Alto dos Cajueiros.



Vila Timbaúba



Canafístula



Timbaúba de Cima



Fazenda Velha

A escravização negra no Ceará

A colonização portuguesa no Ceará teve início com a concessão das sesmarias, que eram extensões de terra doadas a alguns colonos que tinham a obrigação de cultivá-las e pagar o tributo devido à Coroa. O processo de ocupação seguiu a expansão da pecuária explorando a mão-de-obra negra escravizada em diversas atividades produtivas.

Em 1702, o português Rodrigo da Costa Araújo recebeu do Governador de Pernambuco uma sesmaria localizada onde hoje está o município de Coreaú. E em 1744, o mesmo colono recebeu outra sesmaria, dessa vez nas cabeceiras do Riacho da Timbaúba. A referência à Timbaúba no nome do riacho sugere que, naquela época, já havia uma localidade conhecida com esse nome. O Riacho da Timbaúba é atualmente conhecido como Riacho Pau Verde ou Riacho do Sítio e atravessa o território quilombola.

Como no restante do país, o regime escravista no Ceará foi marcado pela violência, relembrada até hoje nas narrativas e memórias dos quilombolas da Timbaúba. Como nos conta Seu Menezes, quilombola

antigo, há muitas histórias de castigos e outros maus-tratos sofridos por seus antepassados:

Minha avó contava que os negros sofriam muito na fazenda do homem que está enterrado ali, do Tito [Coronel Tito Alves de Lima]. Ela contava que se o negro chegava atrasado tinha castigo, tinham as chicotadas. Era assim que minha avó falava.

Em resposta, as fugas eram frequentes. O historiador Leonardo Pildas transcreve um anúncio, dentre os vários existentes, da fuga de um escravizado na região da Timbaúba, publicado no Jornal “Cearense”, edição de 12 de março de 1876:

Fugio do abaixo assignado e do lugar Porção, do termo da Vila da Palma, na Província do Ceará, um escravo de nome Victal, trigueiro, cabelo muito crespo [...] deixou o abaixo assignado em agosto d’este anno, levando em sua companhia uma mulher: quem o aprehender e o entregar no Maranhão aos srs.



Poção, no sopé da Serra da Meruoca

Fragoso & Com.^a terá por isso recompensa. Vila da Palma, 20 de dezembro de 1875. Pedro Rodrigues de Souza (PILDAS, 2003, p. 364).

O lugar mencionado, chamado Porção (ou Poção, como se escreve na atualidade), está dentro da área reivindicada pela comunidade como território de ocupação tradicional. É um lugar sagrado para os quilombolas da Timbaúba que fica no sopé da Serra da Meruoca, a cerca de 2 km da localidade chamada Fazenda Velha.

As famílias quilombolas da Timbaúba

As cinco famílias negras que deram origem à Comunidade Quilombola da Timbaúba foram formadas a partir dos ancestrais Sabino Aguiar, Lucas Batista, Ângelo Nascimento, Marcelino e Venâncio Gomes, todos

escravizados ou descendentes de antigos escravizados por um coronel chamado Tito Alves de Lima. **Os descendentes desses quilombolas adotaram seus nomes próprios como sobrenomes de família, transmitindo essa identidade aos filhos e netos.** São conhecidos, portanto, como os *Sabino Aguiar*, os *Lucas Batista*, ou a Família *Ângelo Nascimento*, a Família *Marcelino Gomes*, e a família *Venâncio Gomes*.

Seu Donizete Luiz de Aguiar, 50 anos, quilombola da Timbaúba, nos conta um pouco da história dos *Sabino Aguiar*:

Eu sou da Família dos Sabino. Meu bisavô, o Sabino José de Aguiar, foi achado criança no mato, uns ricos acharam. Sem dúvida era a família dele fugindo da escravidão, que perdeu ele no mato. Aí deixaram a criança, que foi achada e criada pela família do Joaquim Costa.

Sobre a Família Lucas Batista, é Dona Maria Soledade da Conceição, a Dona Dadá, quem nos conta um pouco da história:

O primeiro foi o finado Mané Lucas. Ele foi escravo na Serra da Meruoca. Vieram fugidos para não sofrer, né, porque não aguentavam, né. Fugiram aqui para a Timbaúba. Isso aconteceu há muito tempo atrás. Os mais antigos eram o finado Zé Lucas, que era meu sogro, o finado Bel Lucas, Salviano Lucas, Maria Lucas, Ana Lucas.... São esses os que conheci.

Sobre a origem da Família *Ângelo Nascimento*, Dona Dadá afirma que não sabe de onde vieram. Porém, diz que eles sempre moraram na Timbaúba e que talvez tenham vindo como cativos dos primeiros brancos portugueses que chegaram à região:

Eles moravam aí mesmo. Já apareceram aí. São antigos! O mais antigo que eu ouvi falar era esse Papai *Ângelo*. O Velho *Ângelo*, né. Essa família *Ângelo* é família antiga que foi escrava. Quando eles apareceram, a terra não tinha dono, né, aí cada qual arrumou um pedacinho e foram levando até chegar essa lei pesada [referindo-se à construção do Açude Público Várzea da Volta] para tomar as terras e a gente ficar sem nada.

As outras duas famílias negras tradicionais da Timbaúba, os *Marcelino* e os *Venâncio Gomes*, moram na localidade Fazenda Velha há muito tempo, em terras deixadas como herança por seus ancestrais, cujos documentos remontam ao século XIX.

Seus antepassados lhes teriam transmitido essas terras sob a recomendação de que jamais fossem vendidas, para assim garantir a vida e o sustento das futuras gerações.

Ao longo dos tempos, essas cinco famílias originais foram se misturando, seus parentes foram casando entre si, gerando assim uma comunidade de famílias negras aparentadas.



Documento que comprova a antiguidade da ocupação da localidade Fazenda Velha pelas famílias quilombolas Marcelino e Venâncio Gomes, às quais essas terras foram concedidas por herança em meados do século XIX.

Algumas personalidades da Timbaúba

Um dos membros mais antigos da Comunidade Quilombola da Timbaúba é o Sr. Francisco das Chagas Montezuma, nascido em 4 de maio de 1914, filho de João Ângelo do Nascimento, o patriarca da *Família Ângelo Nascimento*, e de Antônia Maria da Conceição. Seu Montezuma é um verdadeiro guardião da memória da comunidade e de suas tradições, considerado como um líder espiritual.

Outra guardiã da história da Timbaúba e representante viva mais antiga da Família Sabino Aguiar é Dona Francisca das Chagas de Aguiar, 77 anos. Ela é neta do Sr. Sabino José de Aguiar, o patriarca da *Família Sabino Aguiar*.

Uma terceira fonte da história oral do quilombo, que guarda uma memória especial sobre fatos ligados à localidade Fazenda Velha, é Dona Raimunda Marcelino dos Santos, da *Família Marcelino*, nascida em outubro de 1914. Ela é considerada uma prova viva da antiguidade do território quilombola porque, nascida na localidade Fazenda Velha, ela afirma, com certeza, que todos os seus antepassados nasceram nesse mesmo lugar e que teriam herdado essas terras de seu bisavô.



Seu Montezuma

Dona Chaguinha

Dona Raimunda
MarcelinoSeu Benedito Miguel
da Costa

Outra importante personalidade da Timbaúba é Seu Benedito Miguel da Costa, nascido em 1968, que desde que conheceu a genealogia do seu povo e suas histórias de grandes dificuldades e muita resistência, procurou valorizar a memória da comunidade e lutar pelo direito à titulação do território de ocupação tradicional quilombola. Foi ele o fundador e primeiro presidente da Associação dos Remanescentes do Quilombo Timbaúba de Coreau e Moraújo. Ele é filho de Dona Maria Soledade da Conceição, a Dona Dadá.

O território tradicional da Timbaúba

Durante o tempo em que tiveram domínio sobre o seu território tradicional, definido com área de 2.033 hectares, os remanescentes quilombolas da Timbaúba estabeleceram uma relação especialmente respeitosa com a natureza do lugar, produzindo e convivendo de forma sustentável com o ambiente.

Hoje, os quilombolas da Timbaúba não têm acesso a todo o território tradicional. Foram privados de grande parte da área pelas ações espoliadoras de grileiros e fazendeiros, o que, contudo, não apagou da memória da comunidade o conhecimento preciso sobre todos os recantos de seu território, além das marcas da ocupação histórica feita por seus antepassados.

Contam os quilombolas que alguns forasteiros chegaram a comprar terras por valores irrisórios ou trocá-las por bens ou serviços que atendiam necessidades imediatas, como: cesta básica, assistência à saúde ou auxílio funerário. Alguns desses compradores, beneficiados pelas condições vulneráveis daqueles que venderam partes de sua terra, hoje acumulam grandes áreas com finalidade meramente especulativa.

Os quilombolas da Timbaúba pensam o território como dividido em três áreas: a área de serra, a área de planície, e a área de vazantes.



Área de serra



Piscina natural no Poção



Área de Vazantes, às margens do Açude Público Várzea da Volta



A *área de serra* fica no entorno da localidade Fazenda Velha, no sopé da Serra da Meruoca, onde se localiza a nascente do Riacho Poção. Essa área era utilizada antigamente para a caça, o extrativismo, o cultivo de roças e a criação de animais. É um lugar muito especial para os quilombolas pois, além de ter sido local de origem de parte da comunidade, contém uma fonte de água considerada sagrada, onde os ancestrais quilombolas cultuavam divindades e faziam rituais. Na área existe ainda a chamada Pedra Ferrada, que guarda pinturas rupestres.

A *área de planície* fica entre a *área de serra* e a *área de vazantes* e é onde estão as localidades: Vila Timbaúba, Timbaúba de Cima, Canafistula e Alto dos Cajueiros. Atualmente, essa é a principal área de moradia e trabalho dos quilombolas. Com planícies alagáveis, tem o solo ocupado por carnaubais, cuja palha é utilizada para a construção de coberturas de casas e para muitos artesanatos, e a fibra é utilizada para a recuperação do solo. Essa área é também destinada à criação de pequenos e grandes animais: galinhas, patos, cabras, ovelhas, cavalos e bovinos. Também realizam nas planícies a retirada de lenha e a coleta de frutos nativos. Há ainda no solo dessa área uma argila boa para o artesanato e para a produção de cerâmica.

A *área de vazantes* fica no entorno do Açude Público Várzea da Volta. É nessa área que se localizam as melhores terras cultiváveis da região: terras escuras e férteis, que só são utilizadas nos períodos de baixa das águas do açude, entre setembro e dezembro.

Território e identidade

Os quilombolas da Timbaúba lutam pelo reconhecimento e defesa de seu território tradicional, que entendem como sendo a base material da sua identidade. Antigamente, a comunidade vivia em uma área bem maior que aquela ocupada hoje, razão pela qual, ao longo do tempo, muitos foram levados a emigrar em busca de melhores condições de trabalho e moradia.

A sustentabilidade do solo vem diminuindo progressivamente com a redução da área de uso. Antigamente, com o território mais extenso, as áreas de roças eram revezadas de tempos em tempos, permitindo que a capoeira se recuperasse naturalmente com os anos. Porém, na situação atual em que vivem os quilombolas, confinados em uma pequena área de terra, isso não tem sido possível, vendo-se obrigados a reutilizar intensamente as mesmas áreas para fazer suas roças e pastos, o que leva ao esgotamento do solo e compromete severamente a qualidade de vida da comunidade.

Tendo em vista que a área ocupada hoje é insuficiente para a vida de todos, a comunidade reivindica como território de ocupação tradicional quilombola a área de 2.033,7248 hectares, o que irá favorecer a reprodução física e cultural das gerações presentes e futuras.

Memória afogada, acesso negado

Uma mudança impactante na história dos quilombolas da Timbaúba foi a perda da maior e melhor área de seu território tradicional em consequência da expropriação promovida pelo Governo Federal, em 1918, através do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), para a construção do Açude Público Várzea da Volta.

A princípio, a construção do açude foi apresentada como um grande benefício em favor do desenvolvimento e da melhoria da qualidade de vida de todos e, logo após a inauguração, em 1919, a promessa oficial até parecia se concretizar: os quilombolas tinham acesso livre a um açude abundante, com grande potencial para a agricultura e a pesca. Porém, com o tempo, o DNOCS passou a arrendar as vazantes das margens do açude para concessionários de fora da região, atendendo exclusivamente a demanda do mercado agropecuário.

Os remanescentes quilombolas foram excluídos nesse processo, sob alegação de que não teriam condições para arcar com os encargos do contrato de concessão nem para viabilizar um “uso racional” das vazantes. Portanto, além de terem suas terras de ocupação tradicional inundadas pelas águas do açude, os quilombolas da Timbaúba tiveram ainda que ver as terras que permaneceram enxutas sendo aos poucos tomadas sob alegação de que eles não teriam condições ou não saberiam como utilizá-las.

Conforme contam na comunidade, parte das terras onde viveram os ancestrais dos quilombolas da Timbaúba foi *afogada* pelas águas do Açude Várzea da Volta, levando consigo algumas das principais reminiscências históricas da Timbaúba, como o “tronco de açoitar”, onde o Coronel Tito mandava amarrar os “negros desobedientes”.

Dona Maria Soledade da Conceição, a Dona Dadá, nos conta o que aconteceu:

A nossa história foi afogada junto com a Fazenda do Tito, no Açude Várzea da Volta. Lá tinha o tronco onde se amarrava os negros, lá nesse tronco era o lugar onde eles puniam os nossos parentes. A minha avó contava que os negros eram amarrados nesse torno, nesse tronco, pelourinho. Ainda tem os resquícios dele lá, quando o açude baixa dá para ver, porque era de aroeira e aroeira é uma madeira muito resistente da nossa região.

Uma área conhecida no quilombo como *Croa do Tito*, localizada à beira do Açude Público Várzea da Volta, parcialmente alagada, preserva, submersas, as ruínas da antiga sede da fazenda escravista que pertenceu ao Coronel Tito.



Ruínas da casa grande do Coronel Tito, na Croa do Tito



Local onde os quilombolas indicam o pelourinho da Timbaúba

Seu Cosme Venâncio Gomes, nascido em 1955, morador da localidade Fazenda Velha, conta que, na época de sua infância, os quilombolas tinham livre acesso ao açude, diferentemente do que ocorre hoje, quando há poucos caminhos distribuídos na forma de corredores que separam as áreas cercadas pelos empreendedores:

Antigamente esse açude era todo aberto. Hoje para você chegar na beira do açude, você tem que caçar um beco para você poder entrar. E é muito difícil encontrar porque está tudo cercado ao redor. Antigamente era todo liberto.

Os quilombolas tampouco têm acesso ao peixe do açude por não poderem se cadastrar como pescadores profissionais, sob a justificativa oficial de que não preenchem os requisitos estabelecidos. Eles alegam, contudo, que não são cadastrados como pescadores ou como vazanteiros por puro preconceito e discriminação dos fiscais do DNOCS.

As brincadeiras da Timbaúba

Dentre as manifestações culturais típicas da Timbaúba, há três tipos de folguedos, chamados pelos quilombolas de *brincadeiras de negros*, que eles herdaram de seus antepassados: o *Reisado*, o *Leruá* e o *Casimiro Coco*.

O *Reisado* é brincado por um grupo de homens mascarados e a brincadeira é dividida em dois momentos. O primeiro é a visita dos mascarados a uma casa da comunidade, onde, com uma cantoria ao estilo do repente, pedem permissão para entrar. Após um irreverente diálogo com



Reisado, primeiro momento: chegada à casa e pedido de licença para entrar; e Reisado, segundo momento: dança do bumba-meu-boi no terreiro de uma casa



Dança do Leruá, tradição lúdica dos quilombolas da Timbaúba

o(a) dono(a) da casa, os mascarados adentram o recinto e novos repentes e cantigas são puxados. Mais tarde, se dirigem ao terreiro da casa, onde tem lugar o segundo momento da brincadeira, que traz elementos do bumba-meu-boi, outro folguedo típico do Nordeste brasileiro. Depois de dançarem em círculo no terreiro, a visita termina com a *morte do boi*.

Já o *Leruá* é um bailado de roda, em que cantigas são entoadas com refrãos repetidos em coro, acompanhados do entrechoque de pequenos cacetes de jucá. A roda se movimenta no ritmo da cantiga, que acelera no decorrer da brincadeira. Um dos brincantes improvisa alguns versos cantados, que são respondidos pelo grupo. Por exemplo:

Ai, ai, ai que eu vou, leruá / para o legamar, leruá / pegar peixim para nós jantar, leruá / na brincadeira do leruá, rapaziada leruá / cês olhem lá, leruá / apluma o pau leruá / que eu quero dar, leruá..

Em seguida começa a dança, o canto acompanhando e o cacete *troando*, como se diz na Timbaúba.

O terceiro folguedo tradicional do quilombo é o *Casimiro Coco*, um teatro de bonecos, de luva ou vara, em que são tematizados assuntos da sociedade e seus conflitos. Essa arte também está presente em outros estados nordestinos, onde recebe outros nomes – *Babau* na Paraíba, *João Redondo* no Rio Grande do Norte e *Mamulengo* em Pernambuco.

Cosmologia e religião

Os quilombolas da Timbaúba vivem sua religiosidade predominantemente na forma católica, tendo como padroeira Nossa Senhora de Fátima. Mas, em muitos aspectos, manifestam formas religiosas também de matriz africana e indígena.

Há uma expressiva prática das chamadas *orações fortes*, sabidas por mestres quilombolas mais antigos, tidos como curandeiros ou videntes. A esses rezadores e suas rezas é atribuído o poder de cura e proteção contra qualquer doença ou perigo. Seu Benedito Miguel nos conta que:

Os mais velhos tinham muitas crenças. Todos eles usavam orações fortes. Tinha um da minha família que se chamava Tio Neném Sabino, ele tinha várias orações, até para caça. Quando a caça entrava dentro dum buraco ele sabia, e fazia ali umas palavras, uma oração, e a caça saía e ele matava fora. Há também pescadores que conseguem pegar peixe sem instrumentos de pesca, só usando a oração e a fé.

Há também muitos casos sobre *encantes* e animais que se transformam em pessoas e vice-versa. Os quilombolas mais antigos contam essas histórias de seres encantados, que se manifestam no Poção, lugar sagrado da Timbaúba. Dona Dadá é quem nos conta:

Minha mãe dizia que lá no Poção tinha encantos. Dizia que aparecia uma panelona encantada, eu mesma fui muitas vezes bater roupa lá, e ouvia banda de música tocando. Via também camaleão com laço vermelho no pescoço. Aparecia uma mulher do cabelão comprido. Tem muitos encantos, né.

O Saber Tradicional

Os quilombolas da Timbaúba são agricultores experientes, cultivam, dentre outros gêneros, cereais (milho, feijão, arroz, gergelim), hortaliças (abóbora, maxixe, quiabo, pepino), frutas (melancia, banana, mamão e melão) e tubérculos (mandioca, macaxeira). Eles plantam orientados por uma série de observações que vão desde a quantidade e a regularidade da chuva,

passando pela qualidade e disponibilidade de terra e de força de trabalho, até as fases da lua e os dias dos *santos fortes*.

Várias das previsões que se fazia tradicionalmente, por exemplo, sobre a qualidade do inverno por vir, já não são mais possíveis em virtude das mudanças climáticas. Contudo, há um tipo de previsão que ainda se faz na Timbaúba, através da observação do comportamento do pássaro João de Barro, chamado de *Profeta do Inverno*. Segundo Seu Benedito Miguel da Costa, a experiência dos antepassados ensina que se o João de Barro constrói sua casa voltada para o nascente, o inverno daquele ano será fraco em chuvas, dificultando o cultivo (o pássaro adivinha a escassez de chuva, deixando a seco seus filhotes). Já se o João de Barro constrói sua casa para o poente, então o inverno será bom, pois chuvoso.

Terra larga e vida longa à Timbaúba

Um fio de continuidade histórica que liga os quilombolas da Timbaúba a seus ascendentes escravizados se assenta, entre outras coisas, na luta pela conquista de um território próprio, que possibilite a manutenção e o florescimento de uma vida coletiva autônoma. A terra aqui é um bem de usufruto coletivo e um elo que produz comunidade, permitindo sua permanência no tempo, fortalecendo sua cultura, seus valores, seu modo de vida.

A luta dos quilombolas da Timbaúba é, portanto, pelo reconhecimento da propriedade coletiva de seu território tradicional, por parte de todos aqueles que são considerados e se consideram membros da comunidade. A luta é por terra larga e vida longa aos quilombolas da Timbaúba.

Esta narrativa foi composta por Renato Jacques de Brito Veiga, com base no Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território da Comunidade dos Remanescentes do Quilombo Timbaúba, realizado em 2009 por José da Guia Marques.

Uma palavra da comunidade Timbaúba

A comunidade de Timbaúba está organizada politicamente por meio de sua associação quilombola. Esta foi criada através de muitas reuniões e de uma assembléia geral ocorrida durante o processo de reconhecimento da comunidade enquanto quilombola. São nossos parceiros o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e a Fundação Centro de Ecologia e Integração Social – Fundação CIS.

Atualmente temos estabelecido uma luta reivindicatória de titulação de nossas terras, e de negociação, com o Departamento Nacional de Obras contra a Seca – DNOCS. Entendemos que o referido órgão da União tem dificultado a titulação, em razão de possuir domínio em parte do nosso território físico. A titulação das terras é o nosso maior sonho, pois nos possibilitará construir espaços de atendimento à saúde, educação e cultura.

A vida na comunidade segue com trabalhos na agricultura, na pesca e na criação de animais de pequeno porte. Já a nossa juventude enfrenta a migração para outros estados em busca de trabalho e emprego. Os jovens atuam em atividades de empreitadas que lhes garantem a melhoria de suas condições materiais, tais como: meios de transporte (motos), compra de aparelhos eletrônicos (celulares) e outros bens.

Ainda não temos um posto de saúde, tampouco uma escola para continuidade da escolarização. Esses são serviços oferecidos em comunidades distantes de Timbaúba, e por isso, muitas vezes nos deslocamos para as sedes dos municípios de Coreaú e Moraújo-CE. Contudo, temos importantes conquistas, como o calçamento da vila, abastecimento parcial de água e atendimento integral das residências pelo “Programa Luz para Todos”.



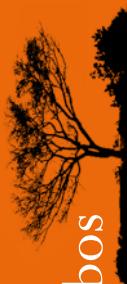
Creche Mãe Chiquinha de Abreu: Única escola da comunidade. Possui apenas uma sala de aula.



Sr. José da Guia Marques entrevistando
Dona Rita Lucas Batista

De todas as fotografias e pessoas citadas nesse material incluímos e rendemos homenagem à Dona Rita Lucas, uma importante moradora da nossa comunidade.

Palavra construída por: Benedito Miguel da Costa – Ex-presidente da Associação quilombola de Timbaúba; Maria Benecilda Santos – atual presidente da Associação quilombola de Timbaúba; Iones Santos – morador; Francisca Araújo Machado – militante do MNU; Benedito Francisco Moreira Lourenço – Presidente da Fundação CIS.



Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Soares Campos e Carlos Eduardo Marques
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves, Marilene Ribeiro
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Priscila Z. Martins, Danúbia Zanetti
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

V426ct Veiga, Renato Jacques de Brito
Comunidade Quilombola Timbaúba / Renato Jacques de Brito Veiga. - Belo Horizonte : FAFICH, 2016.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseado no Relatório antropológico de reconhecimento e delimitação do território da comunidade dos remanescentes do Quilombo Timbaúba, realizado por José da Guia Marques.

1. Quilombos. 2. Antropologia. I. Marques, José da Guia. Relatório antropológico de reconhecimento e delimitação do território da comunidade dos remanescentes do Quilombo Timbaúba Título. II. Série.

CDD:306

CDU:39

MICHEL TEMER
Presidente da República

ELISEU PADILHA
Ministro da Casa Civil

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO
Secretário Especial de Agricultura Familiar
e do Desenvolvimento Agrário

JEFFERSON CORITEAC
Secretário Executivo Adjunto de Agricultura
Familiar e do Desenvolvimento Agrário

CARLOS EDUARDO BOVO
Diretor da Coordenação-Geral de Gestão
Estratégica, Monitoramento e Avaliação
(CGMA/ NEAD)

WILLY DE LA PIEDRA MESONES
Coordenador-Geral de Gestão Estratégica,
Monitoramento e Avaliação (CGMA/ NEAD)

LEONARDO GÓES SILVA
Presidente do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES
Diretor de Ordenamento da Estrutura
Fundiária - Incra

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS
Coordenador Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS
ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico – Superintendências do
Incra nos estados

A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS
CENTRO DE ESTUDOS
RURAIS E AMBIENTAIS

IB
CES - AL

Quilombos

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL
GOVERNOS UNIDOS